

# Violência sexual como um desafio à saúde pública: perfil epidemiológico

## Sexual violence as a challenge to public health: epidemiological profile

Annah Rachel Graciano\*<sup>1</sup>, Raquel Isaac de Almeida<sup>1</sup>, Luciana Zendron Carneiro<sup>2</sup>.

1. Centro Universitário de Anápolis UniEVANGÉLICA, Anápolis – GO – Brasil.

2. Hospital Materno Infantil, Goiânia – GO – Brasil.

### Resumo

**Objetivo:** verificar a prevalência de violência sexual no Brasil entre os anos de 2009 e 2015, conforme a população geral e por sexo feminino e masculino. **Métodos:** Foi realizado um estudo ecológico, cujas fontes de dados foram o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Posteriormente foram calculadas as taxas de prevalência correspondentes à população em geral e ao sexo. **Resultados:** A pesquisa evidenciou que a prevalência de violência sexual no Brasil foi crescente entre os anos 2009 e 2013, havendo aumento de 300% na prevalência geral. A prevalência mínima foi no ano de 2015 com taxa de prevalência (TP) = 0,02 por 100.000 habitantes (IC95%: 0,02 – 0,03), e o maior TP foi equivalente a 12,1 (IC95%: 12,0 – 12,3). O sexo feminino apresentou TP maiores que o sexo masculino em todos os anos, atingindo pico de prevalência máximo de 20,9 (IC95%: 20,0 – 21,8), enquanto no sexo masculino o pico foi de 3,0 (IC95%: 2,9 – 3,2). **Conclusões:** Concluiu-se que a violência sexual ainda é muito prevalente no Brasil apesar da queda na frequência após o ano de 2014 e ainda se trata de um problema de saúde pública. As mulheres são as vítimas mais frequentes conforme evidenciado no estudo.

### Palavras-chave:

Delitos sexuais.  
Epidemiologia.  
Medicina preventiva.

### Abstract

**Objective:** To verify the prevalence of sexual violence in Brazil between 2009 and 2015, according to the general population and to the female and male gender. **Methods:** An ecological study was conducted, based on sources from the Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) and the Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). Subsequently, the prevalence rates for the general population and for gender were calculated. **Results:** The survey showed that the prevalence of sexual violence in Brazil increased between 2009 and 2013, with a general prevalence increase of 300%. The minimum prevalence was in 2015 with prevalence rate (TP) = 0.02 per 100,000 population (95% CI: 0.02 - 0.03), and the highest TP was equivalent to 12.1 (95% CI: 12.0 - 12.3). The female gender had a higher PW than the male gender in all years, reaching a peak prevalence of 20.9 (95% CI: 20.0 - 21.8), while in males the peak was 3.0 (95% CI 2.9 - 3.2). **Conclusions:** It was concluded that sexual violence is still very prevalent in Brazil despite the decrease in frequency after 2014 and it is still a public health problem. Women are the most frequent victims as evidenced in the study.

### Keyword:

Sex offenses.  
Epidemiology.  
Preventive medicine.

\*Correspondência para/ Correspondence to: [annahgracci@hotmail.com](mailto:annahgracci@hotmail.com)

Av. Universitária Km. 3,5 - Cidade Universitária, Anápolis – GO – Brasil, 75083-515.

## INTRODUÇÃO

A violação e a violência sexual ocorrem em todas as sociedades, e atravessam todas as classes sociais, sendo um problema de saúde pública. As estimativas de prevalência de vitimização de estupro variam entre 6 e 59% entre mulheres, sendo que as estimativas de perpetração de estupro de países de alta renda parecem ser inferiores às de países de baixa e média renda.<sup>1</sup> Vários fatores estão relacionados ao aumento nas taxas de violação sexual, inclusive a exposição às mídias sexuais.<sup>2</sup>

Uma em cada cinco mulheres está exposta a violência sexual durante a vida, e as expostas estão em maior risco de desenvolver problemas de saúde, tanto em imediatos ao evento, quanto no decorrer da vida.<sup>3</sup>

As mulheres que relatam sexo forçado mostram-se mais propensas a reportar sintomas de depressão, gravidez indesejada, e resistência ao uso de preservativos em comparação com mulheres que não passaram pela mesma experiência.<sup>4</sup>

A maioria dos países carece de dados populacionais sobre a prevalência de violência sexual, em todas as categorias, incluindo crianças, e existe uma lacuna importante na pesquisa sobre esse tema entre subgrupos e populações.<sup>1</sup>

Existem dificuldades relacionadas a estudos que quantificam a prevalência de violência sexual por diversos motivos: falta de documentação da natureza da violência sexual; formas inadequadas de responsabilização por consentimento sob diferentes circunstâncias; dificuldades na discriminação indesejada de atividades sexuais não consensuais; e informações limitadas sobre o papel que a violência sexual desempenha no contexto maior de controle coercivo.<sup>5</sup>

Dado o exposto, este trabalho tem por objetivo verificar a prevalência de violência sexual no Brasil entre os anos de 2009 e 2015, conforme a população geral e por sexo feminino e masculino.

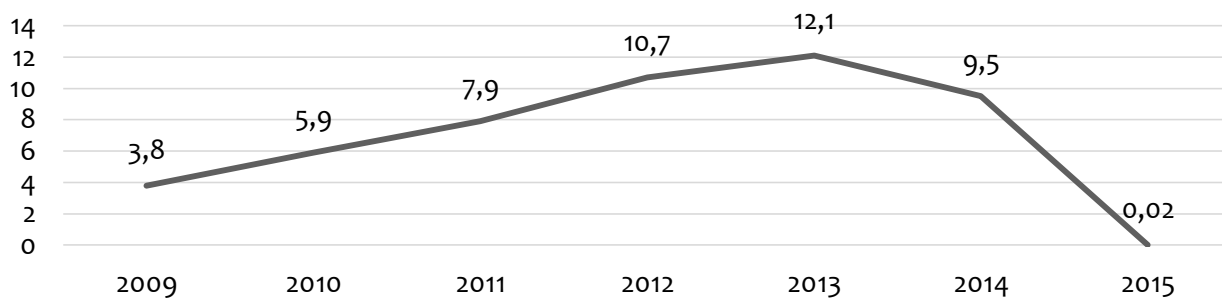
## MÉTODOS

Estudo ecológico realizado por tendência temporal, cujo período analisado correspondeu aos anos 2009 a fevereiro de 2015 e as variáveis de análise foram os casos notificados de violência sexual e o sexo (feminino e masculino). As fontes de dados utilizadas foram o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) para a obtenção dos dados de notificação compulsória e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para aquisição dos dados populacionais a fim de possibilitar o cálculo das taxas de prevalência.

Os grupos selecionados tinham faixa etária entre 0 e 100 anos de idade e foram separados em 3 grupos para análise (população geral, mulheres e homens). Para análise dos dados estatísticos foi utilizado o método de Newcombe-Wilson sem correção de continuidade. Os cálculos foram realizados através do programa Excel Office Support - Office. Os intervalos de confiança foram calculados utilizando os métodos descritos por Armitage e Berry (1994) segundo o documento *Statistical Methods in Medical Research*.<sup>6</sup>

## RESULTADOS

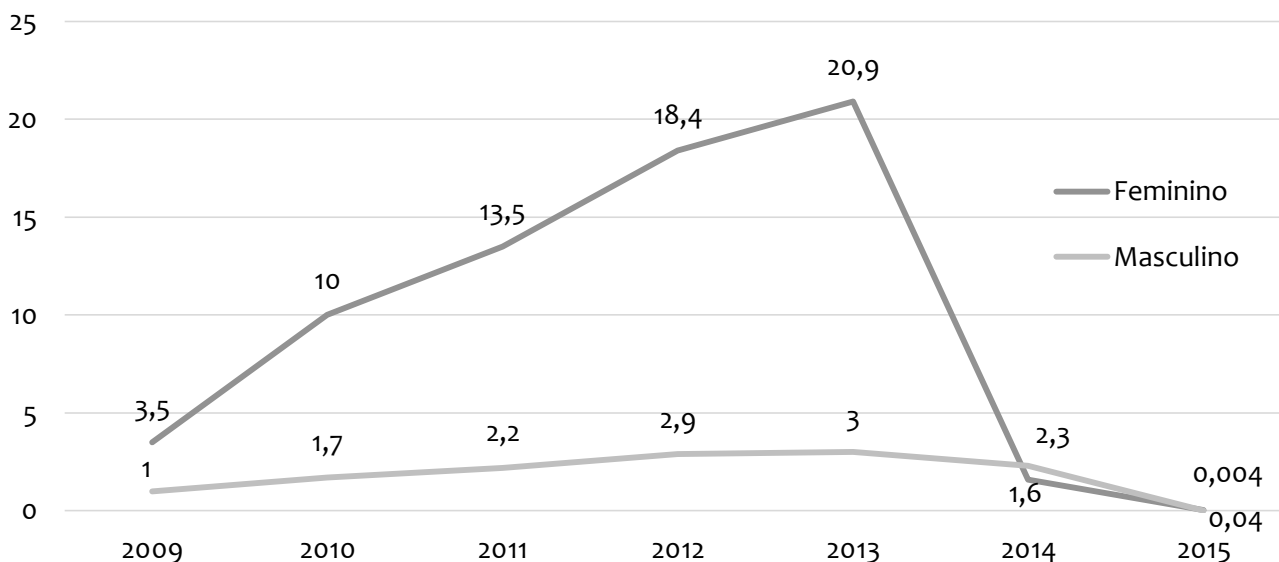
O estudo identificou 100.048 casos de violência sexual ocorridas no Brasil entre os anos 2009 e 2015. O sexo feminino correspondeu à maioria dos casos (n=86.806) enquanto o masculino foi de 13.234 e 8 foram ignorados quanto ao sexo. Conforme apresentado na figura 1, houve aumento progressivo nas taxas de prevalência (TP) de violência sexual entre os anos de 2009 e 2013, com TP em 2009 equivalente a 3,8 por mil habitantes (IC95%: 3,7-3,9) e 2013 com TP igual a 12,1 (IC95%: 12,0-12,3). O aumento nas taxas foi de aproximadamente 2,0 casos ao ano, por mil habitantes. Houve uma queda de aproximadamente 3 casos por mil habitantes entre o ano 2013 e 2014, porém a TP manteve-se elevada no ano de 2014 (TP=9,5%; IC95%: 9,3-9,6). A TP do ano 2015 não permitiu padrão comparativo com os demais anos, visto que foram informados dados apenas dos meses de janeiro e fevereiro (TP=0,02; IC95%: 0,02-0,03).



**Figura 1** - Prevalência geral de violência sexual no Brasil entre os anos de 2009 a 2015 (por 100 mil habitantes).

Quanto ao sexo, as mulheres foram as mais acometidas em todos os anos. A menor TP no sexo feminino desconsiderando o ano de 2015, foi no ano 2009 (TP=3,2; IC95%: 3,1-3,3); enquanto para homens a TP foi 3 vezes menor

(TP=1,1; IC95%:1,0-1,1). A maior TP para ambos os sexos foi em 2013 com TP de 3,0 por mil habitantes para homens (IC95%: 2,9-3,1) e TP=21 para mulheres (IC95%:20,7-21,2). Essas informações podem ser observadas na figura 2.



**Figura 2** - Prevalência de violência sexual conforme o sexo no Brasil entre os anos de 2009 a 2015 (por 100.000 habitantes).

## DISCUSSÃO

A pesquisa comprovou que a taxa de prevalência de violência sexual no Brasil ainda é significativa, e houve aumento progressivo nos últimos anos. Há predomínio de violência sexual em mulheres, em uma taxa até 3 vezes maior

que em homens, conforme apresentado nos resultados.

Em conformidade a esses achados, um estudo realizado em 50 estados americanos em 2011, evidenciou que dentre 12.727 adultos entrevistados, 19,3% das mulheres e 1,7% dos homens foram estuprados durante a vida; cerca

de 1,6% das mulheres relataram que foram estupradas nos 12 meses anteriores à realização da pesquisa. O estudo estimou ainda que 43,9% das mulheres e 23,4% dos homens experimentaram outras formas de violência sexual durante a vida, incluindo a penetração, a coerção sexual, o contato sexual indesejável e as experiências sexuais indesejáveis sem contato.<sup>7</sup>

Outro estudo realizado nos Estados Unidos ao comparar a prevalência de violência sexual em grupos de indivíduos com maior susceptibilidade cognitiva ou física evidenciou que, de um total de 9086 mulheres e 7421 homens, em comparação com pessoas sem deficiência, as pessoas com deficiência estavam em maior risco de violação (odds ratio ajustado = 3,3; IC95% = 1,6 - 6,7). O estudo averiguou que 39% das mulheres estupradas nos 12 meses anteriores à pesquisa tinham uma deficiência no momento da violação. Este estudo não delimitou uma população específica, como este realizado em 2016 com indivíduos com deficiência, porém a predominância do sexo feminino permite dizer que os resultados são concordantes, embora em uma proporção maior de homens vitimizados.<sup>8</sup>

Um estudo realizado no Japão revelou que em 2009, cerca de 55.340 indivíduos sofreram violência sexual em Iowa (região costeira com aproximadamente 3 milhões de habitantes), incluindo 49.510 adultos e 5.930 crianças. O estudo revelou maior taxa de violência sexual entre mulheres em todas as faixas etárias, correspondendo ao triplo da taxa de prevalência em homens. Em adultos com idade entre 18 e 44 anos a prevalência foi de 1.79 por 100 habitantes.<sup>9</sup> Embora a taxa de prevalência nesse estudo japonês tenha sido maior que a encontrada em nosso estudo (por 100 e não por 100.000 habitantes), a relação entre violência sexual ocorrida em homens e mulheres são condizentes.

Assim também, um estudo de coorte realizado na Noruega entre os anos 1999 e 2008 investigando 74.059 mulheres grávidas. História de violência sexual foi relatada em 18,4% dos casos. Dentre essas mulheres, 8935 (12,1%) relataram história de violência sexual leve, 2072 (2,8%) moderado e 2613 (3,5%) grave.<sup>3</sup>

Outro estudo realizado em Gambia, África, reportou uma alta prevalência de violência sexual contra mulheres com uma taxa equivalente a 29% (n = 70).<sup>4</sup> Em concordância, outros autores ao analisarem 1.306 afro-americanos entre os anos 2008-2009, encontraram prevalência de violência sexual ao longo da vida equivalente a 26,3% para as mulheres e de 5,1% para os homens.<sup>10</sup> Ambos estudos comprovam os resultados encontrados em nosso estudo.

Um artigo de revisão analisou 412 artigos originados em 56 países. Foi averiguado que em 2010, 7,2% (IC95%: 5,2-9,1) de mulheres em todo o mundo já experimentaram violência sexual por não parceiros. As maiores estimativas foram na África subsaariana, central (21%, IC95%: 4,5-37,5) e África subsaariana (17,4%, IC95%:11,4-23,3). A menor prevalência foi para a Ásia (3,3%, IC95%:0-8,3).<sup>11</sup>

Uma pesquisa realizada na Nigéria investigou 413 estudantes do sexo feminino com média de idade de 22,1 +/- 2,8. Cento e noventa e três (46,7%) sofreram de uma forma de violência sexual ou outra. Provocando / agarrando partes sensíveis do corpo foi a forma mais comum de violência sexual de 65 (33,7%). Os parceiros íntimos encabeçaram a lista de perpetradores. Ano de escolaridade (p = 0,006, OR 0,57, CI = 0,39-0,85), vitimização prévia (p = 0,049, OR = 1,52, CI = 1,00-2,30) e atividade sexual consensual (p = 0,001, OR = 1,92, IC = 1.29-2.84) foram associados à violência sexual.<sup>12</sup> As taxas de prevalência deste estudo foram maiores que a taxa encontrada nessa pesquisa. Isso se justifica pela população investigada em cada estudo, que diferiu entre si.

Foi realizado um estudo transversal realizado em 2008 na África incluindo homens com idades compreendidas entre 18 e 49 anos. Desta população, 9,6% (n = 164) relataram qualquer vitimização sexual por um homem e 3,0% (n = 51) relataram perpetrar violência sexual contra outro homem. Os homens que relatam uma história de comportamento sexual masculino-masculino consensual foram mais propensos a terem sido vítimas de violência sexual entre homens e mulheres (odds ratio ajustado [ORa] =

7,24; IC 95%: 4,26-12,3) e terem perpetrado violência sexual contra outro homem (aOR = 3,10; IC 95%: 1,22-7,90).<sup>13</sup>

Corroborando mais uma vez com estes achados, uma pesquisa recente incluiu 2513 pessoas (dos quais 2422 tinham mais de 18 anos e 91 eram com idade entre 14 e 18 anos), dos quais 0,6% (n = 6) dos homens e 1,2% (n = 16) das mulheres pesquisadas e 5% (n = 4) dos adolescentes pesquisados, relataram terem sido vítimas de algum tipo de violência sexual. Dentre os homens, 1,5% (n = 15) e 1,0% (n = 13) das mulheres relataram que eles próprios apresentaram comportamento sexualmente agressivo.<sup>14</sup>

Algumas dificuldades foram encontradas neste estudo: a falácia ecológica, a subnotificação de casos no SINAN e a dificuldade de definição quanto ao que foi considerado como violência sexual no momento da notificação dos casos pelos profissionais de saúde (se houve penetração vaginal ou anal, apenas intenção de abuso, agressão sem ato sexual propriamente dito).

Sabe-se que a violência sexual acarreta inúmeros danos a curto e longo prazo para as vítimas, culminando em um grave problema de saúde pública. Deve-se orientar as equipes de saúde quanto à necessidade de notificação dos casos de modo compulsório e unificação do conceito de violência sexual para melhor abordagem epidemiológica comparativa e consequente intervenção. As mulheres apresentaram-se como um grupo vulnerável de risco, fazendo-se necessária abordagem sistematizada nesse grupo, como sugestão de enfoque nas próximas políticas públicas voltadas ao sexo feminino.

#### DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram a inexistência de conflito de interesses.

**Forma de citar este artigo:** Graciano A, Almeida RI, Carneiro LZ. Violência sexual como um desafio à saúde pública: perfil epidemiológico. Rev. Educ. Saúde 2017; 5 (2): 66-71.

## REFERÊNCIAS

1. Dartnall E, Jewkes R. Sexual violence against women: the scope of the problem. *Best Pract Res Clin Obstet Gynaecol.* 2013;27(1):3-13.
2. Ybarra ML, Strasburger VC, Mitchell KJ. Sexual media exposure, sexual behavior, and sexual violence victimization in adolescence. *Clin Pediatr (Phila).* 2014;53(13):1239-47.
3. Henriksen L, Schei B, Vangen S, Lukasse M. Sexual violence and mode of delivery: a population-based cohort study. *BJOG.* 2014;121(10):1237-44.
4. Sherwood JA, Grosso A, Decker MR, Peitzmeier S, Papworth E, Diouf D, et al. Sexual violence against female sex workers in The Gambia: a cross-sectional examination of the associations between victimization and reproductive, sexual and mental health. *BMC Public Health.* 2015;15:270.
5. Logan TK, Walker R, Cole J. Silenced suffering: the need for a better understanding of partner sexual violence. *Trauma Violence Abuse.* 2015;16(2):111-35.
6. Armitage P.; Berry G. (1994): *Statistical Methods in Medical Research (3rd ed.)*. London: Blackwell, p 131.
7. Breiding MJ, Smith SG, Basile KC, Walters ML, Chen J, Merrick MT. Prevalence and characteristics of sexual violence, stalking, and intimate partner violence victimization—national intimate partner and sexual violence survey, United States, 2011. *MMWR Surveill Summ.* 2014;63(8):1-18.
8. Basile KC, Breiding MJ, Smith SG. Disability and Risk of Recent Sexual Violence in the United States. *Am J Public Health.* 2016;106(5):928-33.
9. Yang J, Miller TR, Zhang N, LeHew B, Peek-Asa C. Incidence and cost of sexual violence in Iowa. *Am J Prev Med.* 2014;47(2):198-202.
10. Walsh K, Koenen KC, Aiello AE, Uddin M, Galea S. Prevalence of sexual violence and posttraumatic stress disorder in an urban



African-American population. *J Immigr Minor Health*. 2014;16(6):1307-10.

11. Abrahams N, Devries K, Watts C, Pallitto C, Petzold M, Shamu S, et al. Worldwide prevalence of non-partner sexual violence: a systematic review. *Lancet*. 2014;383(9929):1648-54.

12. Mezie-Okoye MM, Alamina FF. Sexual violence among female undergraduates in a tertiary institution in Port Harcourt: prevalence, pattern, determinants and health consequences. *Afr J Reprod Health*. 2014;18(4):79-85.

13. Dunkle KL, Jewkes RK, Murdock DW, Sikweyiya Y, Morrell R. Prevalence of consensual male-male sex and sexual violence, and associations with HIV in South Africa: a population-based cross-sectional study. *PLoS Med*. 2013;10(6):e1001472.

14. Allroggen M, Ohlert J, Rau T, Fegert JM. Sexual Violence by Juveniles in Institutions: A Descriptive Study on Prevalence and Circumstances. *Int J Offender Ther Comp Criminol*. 2017;306624X17719292.